

## **A marcha da revolução nacional libertadora e suas forças motrizes**

Secretariado Nacional do PCB

### **Aos CR, CL e células do PCB**

#### **Introdução**

O discurso antidemocrático de A. Sales teve o efeito de esclarecer a situação. É perfeitamente evidente o recuo parcial de Getúlio que [ilegível] e afasta temporariamente o perigo de uma solução da sucessão presidencial no terreno das armas.

O BP do PCB reuniu-se para discutir as modificações da situação política e para fazer um balanço das atividades e na aplicação da linha traçada em sua reunião de abril, em que resolveu centralmente retirar as palavras de ordem “Todo poder à ANL” e “Governo Popular Nacional Revolucionário com Prestes à frente” e intensificar os esforços para reorganizar as forças democratas dentro da luta para a mobilização de todas as forças antigetulistas em torno de um programa de anistia ampla e restabelecimento das franquias constitucionais.

Colocando como ponto central a luta contra o integralismo e Getúlio, obtivemos sem dúvida grandes êxitos. Não podemos deixar de reconhecer a importância da campanha contra o integralismo e contra Getúlio, um dos seus maiores esteios, que faz com que, às vésperas da sucessão presidencial, vários políticos se digam democratas para serem agradáveis à massa. Conquistamos, dessa forma, uma valiosa experiência do trabalho de massas sob estado de guerra, que devemos aproveitar em todos os setores de nossa atividade. Porém a nova experiência adquirida nos permite ver claramente que é necessário aprofundar a análise e a autocrítica da linha seguida de há muito para melhor esclarecer o Partido e corrigir os erros de esquerda que ainda se fazem notar em nosso trabalho e nos recentes materiais.

\* \* \*

1. O nosso trabalho da ANL – A própria experiência nos aponta as falhas esquerdistas cometidas no trabalho da ANL. Em geral, fomos sectários porque não compreendemos que esta organização de frente nacional unificada devia ser o bloco de classes que devem ser mobilizadas contra o inimigo número um do povo brasileiro: o imperialismo. Tampouco ficou esclarecido que à ANL cabia dirigir as lutas anti-imperialistas.

É também necessário frisar que tais incompreensões eram motivadas por uma posição falsa com referência à burguesia nacional motivada pela velha incompreensão sobre as forças motrizes e o caráter da Revolução Brasileira.

Um exemplo frisante foi não termos compreendido, desde o início, a necessidade de lutar pela adesão à ANL de partidos políticos de tendências burguesas democráticas e nacional-reformistas. Com nossa responsabilidade, durante longo tempo, a ANL somente aceitava a adesão de organizações apolíticas e adesões individuais. Que significava isso? Na prática, isso restringia a entrada de elementos pertencentes às classes aliadas porque condicionava essa adesão à aceitação previa de nossa hegemonia na ANL.

O PCB devia aderir e apoiar a ANL, como fez, e com os demais partidos que estivessem de acordo com seu programa, em igualdade de condições com estes, trabalhando para adquirir prestígio e influência na massa nacional libertadora e conquistar a hegemonia do proletariado no decurso das lutas.

O que fizemos, realmente, na maioria dos casos, foi restringir a frente única, afastando dela a burguesia nacional e grandes setores reformistas da pequena burguesia e do proletariado e, dessa forma, impedindo a ANL de se desenvolver e de ser o bloco de classes necessário para dirigir e levar até a vitória a Revolução Nacional Libertadora ao mesmo tempo em que facilitava as provocações que visavam apresentar a ANL apenas como uma fachada do PCB.

Ainda é necessário apontar que persistiu, durante todo esse período, a subestimação do trabalho do campo, ao mesmo tempo em que, colocando em primeiro plano as reivindicações políticas e o programa geral da ANL, deixamos de dedicar atenção séria à mobilização da massa em torno das reivindicações econômicas de cada fábrica, usina, bem como de cada camada social.

Tais foram centralmente os erros que permitiram a Getúlio e seus amos imperialistas jogarem a ANL na ilegalidade em julho e, mais tarde, com as medidas de achincalhe do Exército e de arrocho contra o povo, provocar as heroicas lutas insurrecionais anti-imperialistas do ano passado.

2. Persistem, apesar dos grandes passos dados nos últimos meses, sérias incompreensões que se refletem no nosso trabalho de massas e nos nossos materiais. É, portanto, necessário esclarecer o CARÁTER DA REVOLUÇÃO BRASILEIRA E SUAS FORÇAS MOTRIZES.

#### **A) Situação econômica e política do Brasil**

(...) Nos países semicoloniais, cuja independência é fictícia, a implantação da República não significou uma revolução democrática burguesa. Foi somente um início logo travado e neutralizado pela influência preponderante do imperialismo e de seus aliados feudais que continuavam a predominar no novo governo. Hoje, é perfeitamente evidente que a fascistização de nosso país é ditada pelos interesses do imperialismo que vê ameaçada sua dominação diante das demonstrações muito concretas do crescimento da consciência política do povo e das suas lutas para libertar-se do jugo opressor.

#### **B) As forças motrizes da Revolução**

Nós sabemos que o proletariado brasileiro é explorado de uma forma bárbara. Nós podemos ver com toda facilidade que os assalariados agrícolas são uns verdadeiros párias que em muitos pontos do país trabalham a troco de comida. (...)

O que não vimos com clareza, até hoje, é que a burguesia nacional também é oprimida pelo imperialismo que a impede de se desenvolver, de ampliar sua indústria, de libertar seu comércio e de por em exploração as grandes riquezas naturais existentes no país. Todas as ambições da burguesia nacional encontram uma muralha intransponível nos interesses do imperialismo dominante que quer manter o país como mercado para seus produtos manufaturados e fornecedor de matérias primas, mas não quer que ele se transforme em país forte industrializado, capaz de suprir suas próprias necessidades e, além disso, de concorrer no mercado mundial.

O fato de que a burguesia nacional, em sua maioria, é anticomunista não impede que ela seja revolucionária contra o imperialismo. Sabemos perfeitamente que a burguesia nacional não seria consequente como não tem sido nessa luta. Mas nosso maior erro tem sido não reconhecer a existência de uma burguesia nacional e negar que ela seja revolucionária na etapa atual.

“A burguesia de países como a China é uma das forças motrizes fundamentais para a Revolução Nacional Libertadora.” É preciso trazer a burguesia nacional para a Revolução Nacional Libertadora e abandonar completamente o medo de caminhar junto com esse importante aliado, rompendo a posição falsa esquerdista mantida até hoje. Foi centralmente devido a esse erro esquerdista que a ANL não se transformou no bloco de classes capaz de levar, com vantagem, a luta contra o imperialismo. Sem mobilizarmos a burguesia nacional contra o imperialismo, será difícil derrotá-lo. Não vimos isso ainda claramente, e daí provém grande parte das debilidades de nosso trabalho de massas.

#### **C) O proletariado e a Revolução Nacional Libertadora**

Muitos companheiros – sobretudo os que ficaram à margem da viragem que nós realizamos nos últimos três anos para nos transformarmos em partido de massas e de lutas; lutas e trabalho consequente que nos levaram a verificar, pela análise dos fatos, o grande erro acima indicado – custarão a compreender a modificação importante na linha do Partido, determinada pela constatação de que a burguesia nacional é revolucionária na luta contra o imperialismo. É preciso esclarecê-los pacientemente, apontando os fatos, e analisar as razões do insucesso de nossos esforços nas grandes lutas de massa, no trabalho sindical, e as razões da derrota sofrida em novembro de 1935. Nem sempre partimos do ponto de vista falso de termos medo dos aliados, medo de perder a “hegemonia do proletariado” e, por isso, restringimos a participação das classes que devemos e podemos mobilizar para a luta contra o imperialismo, mobilizando apenas os elementos que aceitam a hegemonia porque são simpatizantes do comunismo. Esse erro nos impediu até hoje de mobilizar as forças necessárias para conseguir a correlação favorável à Revolução. Não

compreendemos que a hegemonia do proletariado não se impõe de antemão, mas se conquista no decorrer das lutas.

Apesar de nossa luta contra o trotskismo, devemos reconhecer que a nossa posição diante da burguesia nacional e a insuficiência de atenção ao campo apresentam, na prática, influência da ideologia trotskista que nega que essas classes sejam revolucionárias na luta contra o imperialismo, baseada sobre fatos, e indispensável para determinar com clareza as tarefas na Revolução e o caminho que esta tem de seguir. É justamente o que não o fazem os trotskistas quando insistem em dizer que precisamos lutar pela “ditadura do proletariado desde já”. Esses pseudoteóricos insistem em basear-se sobre aparências e afirmam que a revolução democrático-burguesa foi consumada no Brasil com a proclamação da República. Outros, como Plínio de Melo, afirmam que ela foi começada então e completada com a revolução de 1930. Não veem que no Brasil subsiste, e se reforça ainda hoje, a dominação imperialista que impede o desenvolvimento industrial do país e a aplicação da Constituição que é democrático-burguesa por seu conteúdo.

Não querem, tampouco, ver que, ao lado de certos progressos evidentes na agricultura brasileira, subsistem as formas semifeudais e semiescravagistas de exploração dos assalariados agrícolas e das grandes massas de camponeses que constituem a maioria da população do país (arrendamento pago sob forma de “terça” ou “meação” da colheita; pagamento em vales somente descontáveis no armazém da fazenda; trabalho de sol a sol; capangas particulares para garantir a execução de qualquer ordem dos fazendeiros semifeudais etc.).

Numa população de perto de 48 milhões de habitantes, o proletariado industrial não passa de um milhão em todo o país (inclusive o de transportes). Por que a indústria nacional é conservada raquítica pelo imperialismo dominante? É perfeitamente absurdo falar-se em ditadura do proletariado ou em construção do socialismo num país atrasado como o nosso e em que o proletariado ainda não está senão em processo de formação como classe consciente de sua missão histórica, sem que PRIMEIRO tenhamos rompido as cadeias da opressão e exploração imperialista, desenvolvimento maior da indústria nacional. E nesse processo revolucionário que o proletariado brasileiro já está se reforçando ideologicamente, se reforçará numericamente e acelerará a sua consolidação como classe revolucionária conseqüente dirigente das demais classes.

A concepção trotskista somente pode medrar na cabeça de quem não se liga ao proletariado nas fábricas e fica dentro dos gabinetes e cafés a discutir hipóteses e não fatos.

Somente realizando as tarefas da Revolução Nacional Libertadora, marchando com a burguesia nacional e a pequena burguesia das cidades e dos campos para liquidar as travas da dominação imperialista do país, é que o proletariado acelerará o processo de seu próprio desenvolvimento e se tornará capaz de levantar a bandeira de Revolução Socialista com perspectivas de vitória.

É preciso que todo o P. compreenda que, como vanguarda do proletariado, o seu partido político, jamais abandonaremos, por um só instante, a luta pelos seus interesses de classe; por isso mesmo é que devemos marchar junto com as demais forças motrizes da Revolução Nacional Libertadora, que são a burguesia nacional e a pequena burguesia das cidades e do campo, contra o inimigo fundamental que é o imperialismo. Marx lutou junto com a burguesia alemã contra o feudalismo dos *junkers*, mas isso não o impediu, pelo contrário facilitou forjar o partido operário que empunhou a bandeira da liberdade quando a burguesia traiu a luta e fez compromisso com os feudais. Devemos marchar juntos com nossos aliados, organizando as massas que os impedirá de vacilar e capitular diante da pressão imperialista. (...)

Pedimos a todos os Regionais, Locais e Células que discutam atentamente este material e nos enviem, com brevidade, sua opinião franca sobre ele e as resoluções práticas tomadas para iniciar sua aplicação. Em documentos posteriores transmitiremos diretivas mais detalhadas para o trabalho da sucessão presidencial etc.

Sem mais, saudações proletárias,

O SN do PCB

#### NOTA:

1. “A Marcha...” é um documento que reorienta a política do PCB de acordo ao VII Congresso da Internacional Comunista. O VII Congresso marca uma virada na política ultraesquerdista da IC (“terceiro período”) e define como centro da política dos Partidos Comunistas a construção de governos de Frentes Populares, que se materializa na França e na Espanha. O documento redigido pela direção do PC, além de fazer uma autocrítica do Putsch de 35, consolida a estratégia de “revolução nacional e democrática” do PCB.